

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

XIV ENANPEGE - ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O CONSUMO DAS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS PELO
FENÔMENO DO TURISMO: CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA X
CEMITÉRIO DA RECOLETA**

Autor: Romulo de Oliveira Costa

RESUMO

O presente trabalho busca compreender o fenômeno turístico sob viés de análise dos espaços cemiteriais da Recoleta, na província de Buenos Aires, na Argentina, e São João Batista, na cidade do Rio de Janeiro, como espaços simbólicos potenciais para o consumo turístico. Tal empreitada deve-se ao fato posto do caso de sucesso em relação ao plano turístico já consolidado do cemitério porteño e a possibilidade de criação acerca de um roteiro turístico no espaço da morte da zona sul da urbe carioca. Ressalta-se, assim, a intencionalidade do turismo em consumir o diferente, o exótico e o distinto do espaço de vivência do turista, bem como incentivar a dinâmica criativa no que tange à geração de divisas e lucro aos espaços envolvidos nesta prática.

Palavras- chave: turismo; cemitério; Buenos Aires; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The present work seeks to understand the tourist phenomenon under the analysis of the cemetery spaces of Recoleta, in the province of Buenos Aires, Argentina, and São João Batista, in the city of Rio de Janeiro, as potential symbolic spaces for tourist consumption. This undertaking is due to the fact that the success story is presented in relation to the already consolidated tourism plan of the porteño cemetery and the possibility of creating a tourist itinerary in the space of death in the southern part of the city of Rio de Janeiro. Thus, the intention of tourism to consume what is different, exotic and distinct from the tourist's living space is highlighted, as well as encouraging creative dynamics with regard to the generation of foreign exchange and profit for the spaces involved in this practice.

Keywords: tourism; cemetery; Buenos Aires; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA E DA PESQUISA

O turismo compreende na atualidade uma prática social importante para diversos países, no interior da lógica do sistema-mundo. Sobremaneira, muitos são os países que lutam pelo crescimento turístico em seus territórios, principalmente os escassos de outra forma de sustentação econômica, como a indústria ou a agricultura.

É Santos (2009) que ao abordar o termo “glocalidade”, nos traz a importância das ações hegemônicas capitalistas globais atuando no local e, este último contribuindo para o global com suas características mais singulares. O turismo, como será descrito neste pré-projeto, é uma ação global histórica que vem se apropriando de características locais para sua recriação e perpetuação enquanto atividade econômica e social contemporânea importante para grande parcela da humanidade.

Entre estas características locais e no seio das grandes transformações do século XX, a chamada era dos extremos, como cunhou Hobsbawn (1994), o espaço cemiterial, em consonância com suas formas simbólicas espaciais, funciona como um importante espaço de dotação turística, sobretudo, nos países do norte do globo terrestre. Este pré-projeto se insere à linha de pesquisa na busca do entendimento deste fenômeno na América do Sul, traçando um paralelo entre o consolidado caso do cemitério da Recoleta, na província de Buenos Aires, na Argentina, como nos aponta Figueiredo (2019) e, o potencial de criação acerca de um circuito turístico no cemitério São João Batista, em Botafogo, na urbe carioca.

A geografia enquanto ciência ainda carece de estudos sobre cemitérios, sobretudo a análise destes no subcampo da geografia cultural. Já em 1955, William Pattison, geógrafo americano, foi um dos pioneiros nos estudos sobre cemitérios com cunho geográfico. Sua análise sobre os cemitérios de Chicago muito ainda contribuem para análise destas formas simbólicas espaciais.

Mesmo não adentrando na temática cultural, Pattison (1955) aponta que os estudos sobre cemitérios na geografia devem estar associados a três principais motivos: uso da terra, distribuição dos cemitérios no espaço e a necessidade de espaço para os mortos. Segundo Pattison (1955) os cemitérios possuem cinco razões principais para existirem, sendo estas: crescimento da

demanda, distinção religiosa, distinção de nacionalidades, negação ao espaço de enterro (grupos sociais) e cemitérios a partir da mudança na arquitetura/decoração.

Alterando a perspectiva escalar, porém trazendo ao contexto da América do Sul, onde se encontram localizados espacialmente os cemitérios da Recoleta e o São João Batista, concebidos como recortes espaciais deste projeto, a justificativa do tema – sob o viés da sua escolha – reside no fato da contribuição para o incremento turístico na urbe carioca, gerando um circuito espacial turístico no campo da morte (São João Batista), utilizando-se de suas formas simbólicas espaciais, relacionando-as à presença em túmulos, jazigos, mausoléus e capelas-jazigos de personalidades históricas, artísticas e políticas do nosso país.

Apesar de discursos contrastantes entre modalidades diferentes, o turismo tem por finalidade o consumo e a transformação do espaço geográfico. A associação consumo e transformação, imbuídos na lógica capitalista de reprodução, culminam em alterações sociais, ambientais, culturais e econômicas dos espaços turísticos, sobretudo da sua configuração mais explícita: as formas simbólicas espaciais..

Como frisa (CRUZ, 2001, p. 4), “O turismo que, antes de mais nada, é uma prática social vem mudando de sentido ao longo da história e cada nova definição consiste em nova tentativa de se conceituar algo que tem, reconhecidamente, uma dinâmica inquestionável”.

Neste sentido, o trabalho debruça-se sob a égide do turismo cemiterial e suas potencialidades, com destaque para os espaços dos mortos já aqui referenciados. Tal perspectiva nos permite inferir a importância do tema para os estudos geográficos, escapando-se da mera dinâmica conceitual e, perpassando, para o alinhamento com a prática. Espera-se atingir, ao final da pesquisa, um consolidado plano espacial turístico e fomentar sua aplicabilidade, no âmbito das políticas públicas, da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

OBJETIVOS

Uma amostra inquestionável da dinâmica do turismo pode estar relacionada, a priori, à variação cultural entre povos diferentes, que se firma como um dos condicionantes de tal atividade. Pois é sabido que em tempos e espaços diferentes, o objeto de consumo do turista mostra-se muito diferenciado. Na atualidade, o setor do turismo cemiterial vem apresentando crescimento exponencial. Neste sentido, o objetivo central do trabalho será propor um plano turístico espacial no campo da morte referente ao cemitério São João Batista, localizado no bairro de Botafogo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ademais, como objetivos secundários, temos: analisar o caso de sucesso referente ao cemitério da Recoleta, na Argentina; entender a dinâmica dos agentes espaciais envolvidos nesta modalidade de prática turística e como a mesma possibilita uma reestruturação territorial, criando novos eixos econômicos, no interior do espaço citadino.

BASE TEÓRICO-CONCEITUAL E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A forma é uma das categorias de análise do espaço, segundo Santos (2001), juntamente com a estrutura, função e processo. Porém, a forma não pode ser analisada *per se*, ela precede de uma função, possui uma estrutura, tendo sido construída por processos, tanto os da natureza quanto os da sociedade. Além do exposto, há também presente na forma, os símbolos, que expressam significados e são alvos de representações.

Segundo Lowenthal (1975), os símbolos possuem caráter de dualidade em sua existência. Para este autor, o símbolo relaciona-se diretamente com a questão temporal, sobretudo à associada ao passado. Em uma discussão de temporalidade e transformações da sociedade, Lowenthal afirma “Os símbolos possuem funções históricas duais: eles remetem ao passado e, necessitam do tempo e do passado para tornarem-se símbolos”. (LOWENTHAL, 1975, p.11).

A representação simbólica irá configurar-se em uma espécie de conexão entre os membros de uma mesma cultura, ou de culturas diferentes. Os símbolos, gestos e hábitos culturais geram assim, ou precedem dos chamados

sistemas de representação. Logo, segundo Hall (1997), existem dois sistemas de representações, sendo estes: um sistema de representação mental do mundo e outro posterior de formação de conceitos. O conceito de forma simbólica permeia a noção de construção mental de grupos ou de indivíduos a partir de suas representações socioculturais.

O poder simbólico é, segundo (BOURDIEU, 1989, p.8) “Com efeito, é esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Parafrazeando Bourdieu – o poder simbólico estabelece uma ordem gnoseológica – que conforme visto em Hall (1997) estabelece a construção imediata do mundo, sobretudo o mundo social.

Os sistemas de representação se interrelacionam com o que Bourdieu (1989) denominou de sistemas simbólicos, sendo estes concebidos como instrumentos comunicativos e de formação do conhecimento, estruturados socialmente, dentro de uma perspectiva de poder estruturante. Na perspectiva dos filósofos e sociólogos neo-kantianos, como Panofsky (citado abaixo) e Durkheim, Bourdieu aponta

A tradição neo-Kantiana trata os diferentes universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como formas simbólicas, reconhecendo, como nota Marx, o aspecto ativo do conhecimento. (BOURDIEU, 1989, p.8)

Assim sendo, os símbolos permeiam as formas simbólicas, fazendo com que os diferentes grupos sociais as interpretem e representem-nas de maneiras diferenciadas. As formas simbólicas podem ser celebradas, memorializadas ou contestadas, como aponta Corrêa (2008), acentuando seu caráter político e, também, sua relação com a noção de polivocalidade cunhada por Stuart Hall (1997), ou seja, a ideia de múltiplas vozes contestadoras sobre interpretações de diferentes esferas da vida, em específico, as formas simbólicas.

Segundo Hall (1997), a constituição cultural diferenciada dos grupos sociais fará com que os mesmos tenham visões e interpretações distintas de formas simbólicas que lhe são comuns. Ainda neste campo de análise, Panofsky (2004), um dos pioneiros nos estudos de interpretação das imagens,

discutiu já nos anos 40 do século XX, a diferenciação dos significados e suas relações com os atos de interpretação.

Panofsky (2004, p.47) aponta “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma”. Posto isto, segundo o autor, iconografia diferencia-se de iconologia, onde o mesmo aponta “Assim, concebo a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte...” Panofsky (2004, p.54).

Panofsky (2004) estabelece, portanto, três diferentes modos de significados e suas relações com a interpretação. O primeiro deles é o significado fatural que é de natureza elementar e facilmente apreendido, dando origem a um significado ulterior denominado expressional, que se associa às nuances psicológicas do ser humano, ambos pertencem à classe dos significados primários ou naturais, onde o ato de representação é o pré-iconográfico, concebido como pseudoformal; a segunda categoria de significados é o secundário ou convencional, que abrange a análise do mundo das imagens, histórias e alegorias, ligando-se à iconografia, como maneira de análise das artes. Por fim, tem-se o significado intrínseco ou conteúdo, que constituem o que Cassirer (apud Panofsky, 2004) denominou de mundo dos valores “simbólicos”, associando-se à iconologia, com a síntese maior que a análise.

Para as formas simbólicas, o significado intrínseco ou conteúdo, que possui como ato de interpretação a iconologia, torna-se de maior relevância. Pois se sabe que a iconologia escapa da limitação de mera análise, permitindo aos diferentes grupos que possam interpretar a forma simbólica, comparando-as com outras formas simbólicas existentes.

Assim sendo, na contemporaneidade houve uma expansão na construção das formas simbólicas provenientes das transformações sociais, culturais e econômicas, em um mundo cada vez mais dinâmico e mutável. Neste sentido, as formas simbólicas podem ser apreendidas, interpretadas e lidas como textos diferenciados para a análise de uma imagem, constituindo-se em um nível simbólico-cultural, segundo Barthes (1977).

O texto, neste caso, pode funcionar como uma metáfora para a análise da paisagem demarcada por uma forma simbólica. Demeritt (1994) aponta

outras metáforas possíveis para análise da paisagem, sendo esta concebida como ícone, espetáculo, teatro, entre outros, demonstrando a ligação das formas simbólicas presentes na paisagem com diferentes interpretações humanas e, até mesmo, como estas dotam de sentido e se utilizam do espaço em que estão inseridas.

Segundo Choey (1992), neste contexto de análise monumental do espaço deve-se ter cuidado pela substituição do valor de um monumento enquanto forma simbólica e construção espacial dotada de memória, por valores arqueológicos ou estéticos. É a partir da expansão e criação de novos tipos de formas simbólicas, onde Choey (1992) afirma que durante a criação da Comissão dos Monumentos Históricos, na França, só havia três grandes categorias de monumentos associadas à Antiguidade Clássica, após a Segunda Guerra Mundial esse número decuplicou, gerando assim uma tendência homogeneizante no mundo. Assim, as formas simbólicas e, mais especificamente, os monumentos, segundo Choey (1992) requerem questionamentos quanto à sua construção no espaço, pois revelam nuances da sociedade que os criam, gerando suas condições sociais e as questões que em si encerram.

Neste contexto de consumo desenfreado do espaço pela expansão e criação de novas formas simbólicas, torna-se salutar a discussão e relação destas com a identidade do grupo social a que se destinam. No sentido da afirmação de Choey posta acima, temos no Brasil, a autora Luchiari (2005) que irá categorizar esta expansão monumental no espaço como um processo de espetacularização.

Para Corrêa, temos esta relação identitária expressa em

Esses monumentos expressam os sentimentos estéticos do momento e constituem representações materiais dos profundos processos econômicos, sociais e políticos de um período de grandes transformações. Identidade e poder parecem ser as palavras-chave em torno das quais aquelas representações materiais foram produzidas. (CORRÊA, 2008, p.12).

Segundo Luchiari (2005), o espaço torna-se cada vez mais espetacularizado, devido à criação exagerada de objetos artificiais ou

ficcionais, sobretudo nos espaços voltados ao consumo turístico. Para tanto, configura-se aí no que Choey (1992) afirmara ser a perda da figura memorial das formas simbólicas no mundo contemporâneo, posto que para esta autora, os monumentos, além da figura memorial, possuem uma dotação histórica e historial, constituindo a base de análise monumental.

Sobremaneira, Luchiari aponta “Assim, as modernas técnicas de reprodução retirariam a aura dos objetos de arte e dos monumentos, e os objetos auráticos seriam apenas aqueles possuidores de originalidade, singularidade e permanência” (LUCHIARI, 2005, p.98). Traz-se ao debate à questão da aura da forma simbólica, tornando cada vez mais árdua a sua justificativa de existência espacial, posto a padronização das construções materiais atuais, no que tange aos monumentos, patrimônios e afins.

Reafirmando a tese de Choey (1992) e os sistemas de representação de Hall (1997) e Bourdieu (1989), Luchiari afirma “Ao contrário do que se imagina o capitalismo não destruiu os sistemas cognitivos que elegem mitos e símbolos para a interpretação do mundo. Ele acolheu esta construção social e associou à ela uma nova e vigorosa racionalidade econômica”. (LUCHIARI, 2005, p.96). Complementando com a noção de ligação ao passado e da importância no contexto de criação e existência das formas simbólicas, tal autora aponta “A condução à memória de um passado - vivo ou desvinculado das novas práticas culturais -, assim como a impressão de um novo valor cultural às formas pretéritas, ainda são a aura que envolve o patrimônio”. (LUCHIARI, 2005, p.98).

Conjuga-se, assim, esta noção associativa entre monumentos e formas simbólicas, pois Corrêa aponta

Neste trabalho, os monumentos são entendidos como formas simbólicas grandiosas, por exemplo, estátuas, obeliscos, colunas e templos. Representações materiais de eventos passados integram o meio ambiente construído, compondo, de modo marcante, a paisagem de determinados espaços públicos da cidade. (CORRÊA, 2008, p.9).

Acerca desta relação, para o trabalho aqui posto, o cemitério São João Batista emerge com suas imponentes formas simbólicas, visto não possuir um caráter meramente estético, mas sim dotado de sentido político, turístico e

histórico. A forma simbólica, por assim dizer, expressa na construção de mundo de um grupo social seus anseios mais íntimos no que tange às suas relações políticas, culturais, artísticas.

Os cemitérios podem assim ser apreendidos como formas simbólicas espaciais dotadas de símbolos, rituais, celebrações e construções que lhe são comuns nos enterros de entes queridos e demais práticas, salvo as devidas diferenças de matrizes culturais. Segundo Kong,

Precisamente, as paisagens da morte – cemitérios, chão dos mortos e crematórios – são paisagens investidas com os mais fundamentais e possíveis sentimentos e valores sagrados humanos, eles se tornam de grande importância quando se aborda o ‘pulsar’ nacional e no exame da constituição de uma identidade nacional (KONG, 2003, p.51).

Como aponta Kong (2003) os cemitérios expressam uma centralidade simbólica, com camadas de significações diferentes e, aloca e confrontam em seus espaços gêneros, classes sociais e etnias diferenciadas. O “pulsar” nacional a que autora se refere, estabelece-se na construção de uma identidade nacional representativa do lugar dos mortos no escopo da nação, marcado por conflitos e negociações.

Para tanto, Kong aponta

A forma e arquitetura presentes na materialidade das paisagens da morte não estão sempre em conformidade com os ritos e rituais tradicionais (como os ritos funerários e demais práticas) que geralmente são associados à cultura e o sentimento, eles também são locais de negociação marcados por múltiplas questões quanto as que constituem os lugares dos mortos no corpo de vivência da ‘nação’. (KONG, 2003, P. 52).

Os cemitérios representam formas simbólicas espaciais onde os ritos e rituais se põem como uma importante prática simbólica. Especificamente, são tais atos provenientes de grupos humanos distintos que conferem aos cemitérios uma dotação simbólica e de significados. Para tanto, (Mayo, 1988, p.71) aponta “Rituais transformam a paisagem e a memória associada a este, ainda que brevemente”.

Logo, o turismo se apropria desta forma simbólica, justificando o uso do solo cemiterial para a prática turística. O turismo associa-se, desta maneira, a novos campos da ciência moderna. Surgem subcampos específicos da atividade turística. Estes subcampos podem ser expressos através do *marketing* do turismo e do planejamento turístico, como nos lembra Ansarah (2000).

O *marketing* do turismo é responsável pela propaganda das paisagens turísticas e suas formas simbólicas variadas, como o espaço da morte aqui debatido. Este campo de análise associa as noções de imagem e formas simbólicas, fazendo com que através de um bombardeio de informações midiáticas, apresentadas aos grupos humanos, determinada forma simbólica ou imagem torne-se objeto de consumo de turistas de várias localidades do sistema-mundo.

O marketing turístico utiliza-se, sobremaneira, das ferramentas associadas aos meios de comunicação. É a mídia, em um conjunto heterogêneo, a responsável por apresentar cotidianamente imagens e paisagens turísticas. Também é função da mídia, principalmente a internet, nos dias atuais, a de gerar o sentimento de consumo de paisagens diferenciadas, o que não necessariamente ocorre, como será visto ao longo da pesquisa.

O planejamento turístico é um campo responsável pela manutenção das formas simbólicas espaciais e dos lugares turísticos para gerações futuras. É o planejamento concebido como ações no presente para melhor andamento da atividade turística no futuro, como nos remete Prado (2003). O planejamento permite a execução satisfatória do turismo desde as áreas de emissão até as áreas de recepção, associando lógicas diferentes, com destaque para o mercado turístico e o cotidiano das populações locais, como nos diz ser Yázigi (2002).

É Prado (2003) também quem afirma que a falta do planejamento turístico incide em males no ambiente de recepção incalculáveis. Logo, é o não controle do contingente de turistas, a falta de fiscalização e a inércia das autoridades competentes que permitirão a prática turística sem o planejamento necessário, comprometendo o futuro desta atividade (turismo).

O desenvolvimento da atividade turística pode ser expresso em números, ou melhor, em estatísticas. É notório o crescimento dos valores

associados ao turismo, principalmente aqui, o turismo em cemitérios, tanto da geração de divisas quanto da geração de empregos. Mas, aqui em específico, uma ciência social dotará de sentido a análise desta atividade: a ciência geográfica, sob a lógica da construção de um plano espacial turístico eficaz, que permita florescer a atividade turística no cemitério São João Batista, favorecendo o surgimento de um novo eixo na decadente economia da urbe carioca.

Para o desencadeamento de nossa pesquisa os procedimentos metodológicos que podemos apontar são:

- Amplo levantamento bibliográfico para trabalharmos com o conceito de formas simbólicas espaciais e o fenômeno do turismo;
- Realização de trabalhos de campo na área delimitada, com a finalidade de presenciar a realidade local;
- Nos trabalhos de campo, realização de entrevistas com agentes e atores econômicos locais;
- Busca de dados em instituições especializadas como a TURISRIO, o IBGE, a Fundação CIDE, a secretaria de turismo e possíveis associações ligadas à atividade turística;
- Análise de entrevistas e questionários realizados com os atores envolvidos no espaço em questão, a agência de turismo e seus funcionários, o secretário de turismo, empresários, a população em geral e os turistas.

Tais procedimentos irão colaborar para responder os questionamentos que são propostos na concatenação da pesquisa em voga, sendo o questionamento central: “Como propor um plano espacial turístico eficaz utilizando-se das formas simbólicas espaciais presentes no cemitério São João Batista, no espaço citadino do Rio de Janeiro?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para não concluir, o trabalho aqui apresentado refere-se a uma pesquisa ainda em andamento. Neste sentido, é mister ressaltar que análises, observações, leituras e obtenção de dados ainda estão em curso. Porém, pode-se afirmar que o cemitério São João Batista, na urbe carioca, apresenta similitudes espaciais, temporais e simbólicas com o cemitério da Recoleta, na Argentina, sito à província de Buenos Aires.

Tais similitudes decorrem dos seus processos de criação visando atender às classes sociais mais abastadas, ainda no decorrer da colonização de ambos os países. As construções imponentes revelam o poder econômico, cultural e financeiro das elites locais do continente latino-americano. O cemitério, torna-se assim, um espaço simbólico de memorização ao nos transportar às temporalidades pretéritas que tange ao ideário de construção do sentimento forjado de nação.

Isto posto, o turismo aproveita estas formas simbólicas espaciais cemiteriais ao consumi-las a fim de estabelecerem circuitos turísticos consolidados, como o caso do cemitério da Recoleta. O cemitério São João Batista, no seio da cidade do Rio de Janeiro, apresenta-se como um espaço de potencialidades turísticas com seus jazigos, capelas-jazigos e demais túmulos concernentes a personalidades históricas, políticas e artísticas brasileiras, bem como famílias ilustres de outros campos de atuação. Desta maneira, a pesquisa ao final pretende traçar um plano turístico possível e realístico para este sagrado espaço da morte colaborando com a superação da crise econômica posta, sobretudo, por gestões municipais desastrosas e a pandemia da SARS-COV - 2, o novo coronavírus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. de. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1987.

BARTHES, R. Rhetoric of the image. In: Imagen, music, text. New York. Hill & Wang, 1977.

BERDOULAY, Vincent. Espaço e cultura. In.: Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo C. da Costa & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pp. 101-133.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: Paisagem, tempo e cultura. CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). Rio de Janeiro: Eduerj, 2ª Ed, 2004, pp. 84-91.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

BRESCIANO, Juan Andrés. “La memoria vindicativa y sus usos. Monumentos a las víctimas de la violencia política en el Montevideo contemporâneo.” In.: Confluente, revista de estudos ibero-americanos, Vol. 2, No. 2, pp. 202-223, ISSN 2036-0967, 2009, Departamento de idiomas e literatura estrangeiros, Universidade de Bologna.

Caderno de turismo do Estado do Rio de Janeiro. In.: VI Colóquio de cartografia para crianças e escolares. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

CARBALLO, C. El cementerios parques en Buenos Aires. Universidad del Luján, Luján, 2012.

CASTRO, Iná Elias de. **Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política.** In.: Turismo e paisagem. YÁZIGI, Eduardo (Org.). São Paulo: Contexto, 2002, p.121-140.

_____. **O problema da escala.** In.: Geografia: conceitos e temas. CASTRO, Iná Elias de [et al]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 9ª edição, 2006, p.117-140.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural. Florianópolis, EDUSC, 1999.

CORIOLOANO, Luzia N. M. Teixeira. **O real e o imaginário nos espaços turísticos**. In.: Paisagem, Imaginário e Espaço. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 207-227.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As interações espaciais**. In CORRÊA, Roberto Lobato; CASTRO, Iná Elias de & GOMES, Paulo Cesar da Costa (Orgs.). "Explorações Geográficas: percursos no fim do século". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, R.L. & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.92-123.

CORRÊA, R.L. A geografia cultural e o urbano. In: Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 2003, pp.167-186.

CORRÊA, R. L. Monumentos, política e espaço. In: Geografia: temas sobre cultura e espaço. CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Rio de Janeiro, eduerj, 2005, 226p.

CORRÊA, R.L. Caminhos pela Geografia: o urbano, as redes e as formas simbólicas espaciais, 2008. (Disponível em: www.igeo.ufrrj.br/robertolobatocorrea). Acessado em: 10/01/2013.

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In.: Paisagem, tempo e cultura. CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.92-123.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Os cemitérios e a espacialização da morte. In.: Geografia: leituras culturais. ALMEIDA, Maria Geralda de & RATTIS, Alecsandro JP (Orgs). Goiânia, Alternativa, 2003, pp.237-261.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do turismo**. São Paulo, 2001, Roca.

_____. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo**. In.: Turismo e paisagem. YÁZIGI, Eduardo (Org.). São Paulo: Contexto, 2002, p.107-119.

DEMERRITT, D. The nature of metaphors in cultural geography and environmental history. *Progress in human geography*, 18 (2), 1994.

FIGUEIREDO, Olga M. Desvendando as necrópoles da cidade do Rio de Janeiro: o exemplo do cemitério São João Batista. Dissertação de mestrado. Uerj, 2012.

FIGUEIREDO, Olga M. & FLEURY, Dóris. Turismo e lazer em cemitérios: algumas considerações iniciais. In.: Geografia e turismo: reflexões interdisciplinares. RIBEIRO, M. A & FERNANDES, U. S. (Orgs). Rio de Janeiro: Appris, 2019, p.149-163.

FRANCAVIGLIA, Richard. The cemetery as an evolving cultural landscape. In.: Annals of the Association of American Geographers. Volume 61 (3), 1971, pp.501-509.

GRAVARI, M. Deschristianisation et espace. Géographie et culture, Paris: L'Harmattam, n.4, 1992.

HALL, S. Representations. Cultural representations and signifying practices. Londres, Sage, 1997, 1ª parte.

KONG, Lily & YEOH, Brenda S. A. The construction of national identity through the production of ritual and spectacle. An analysis of National Day Parade in Singapore. Political Geography, 16 (3), 1997, pp. 213-239.

KONG, Lily & YEOH, Brenda S. A. The politics of landscapes in Singapore: constructions of nation. Syracuse, New York, 2003.

LOWENTHAL, David. Past time, present place: landscape and memory. Geographical Review, n.65 (1), 1975, pp.1-36.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **A (re) significação da paisagem no período contemporâneo**. In.: Paisagem, Imaginário e Espaço. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 9-28.

_____. **Urbanização turística um novo nexos entre o lugar e o mundo**. In.: Serrano et al. Olhares contemporâneos sobre o turismo. São Paulo: Papirus, 2004, 3ª edição, p.105-130;

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **A paisagem como fato cultural**. In.: Turismo e paisagem. YÁZIGI, Eduardo (Org.). São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

MAYO, J.M. War memorials as political memory. Geographical Review, nº 78 (1), 1988, pp. 62-75.

MITCHELL, D. Cultural Geography: a critical introduction. Oxford. Blackwell, 2006, caps. 1 e 2.

O'DONNELL, G. Os Estados burocrático-autoritários na América Latina. Editora Vozes, 1987.

PANOFSKY, E. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estado da arte na Renascença. In: Significados das Artes Visuais. São Paulo, Editora Perspectiva, 2004.

PATTISON, William D. The cemeteries of Chicago: a phase of land utilization. In.: Annals of the Association of American Geographers, volume 45 (3), 1955, pp.245-257.

PRADO, Rosane Manhães. **As espécies exóticas somos nós: uma reflexão do ecoturismo na Ilha Grande**. Eduerj, 2003.

RIBEIRO, Miguel Angelo. **Turismo no Estado do Rio de Janeiro: Ensaio de uma tipologia**. In GEOgraphia. Revista do Programa de Pós-graduação em geografia da UFF, 2003, p. 79-91.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo, 1997, Hucitec.

_____. **Geografia do turismo: novos desafios**. In.: Turismo. Como aprender, como ensinar. TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, 341p, p. 87-122.

RODRIGUES, Claudia. O lugar dos mortos na cidade dos vivos. Programa de pós-graduação em História, UFF, Rio de Janeiro, 1993.

ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, 247p.

_____. O espaço, o sagrado e o profano. In.: Manifestações da cultura no espaço. ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 231-247.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 15ª edição, 2008, 236p.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 4ª edição, 2009, 377p.

SAUER, Carl Otwin. **A morfologia da paisagem**. In.: Paisagem, tempo e cultura. CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.12-74.

SOARES, M. T. de S. Bairros, subcentros e subúrbios. Fundação IBGE, biblioteca de geografia, Rio de Janeiro, 1968, n° 21.

SOLLA, Xosé M. Santos. **Paisaje e identidade em la promoción de la imagen de los destinos turísticos.** In.: Espacios turísticos. Mercantilización, paisaje e identidad. IVARS BAIDAL, Josep A. & VERA REBOLLO, J. Fernando (Orgs.). Alicante/Espanha: Editorial Agua Clara, 2008, p.195-206.

TURISRIO. **Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: TurisRio/ SEPDET, 2001. CD-ROM.

YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002, 225p.

_____. **A alma do lugar. Turismo, planejamento e cotidiano.** São Paulo: Contexto, 2002, 301p.